

Lula admite desistir de disputar Presidência

Maurilo Claret/AE—6/10/97

Petista aponta dificuldade de concretizar frente de oposição e temor de sofrer uma terceira derrota

BRASÍLIA — Luiz Inácio Lula da Silva chega hoje à noite ao Brasil, vindo da Itália, cheio de dúvidas e com apenas uma certeza: não aguardará o encontro nacional do PT, em dezembro, para anunciar sua decisão sobre a disputa das eleições presidenciais de 1998. Se fosse consultado hoje, a resposta seria um sonoro não. Deverá, no entanto, guardar silêncio durante as comemorações de seu aniversário — segunda-feira —, viajar novamente à Europa e só aí encerrar o mistério.

O medo de perder pela terceira vez (foi derrotado por Fernando Collor, no segundo turno de 1989, e por Fernando Henrique Cardoso, em 1994) é apenas um dos componentes de sua indecisão. A tendência a não competir de novo é ditada por sua convicção de que mais uma vez as esquerdas não estão abertas a alianças e, pior ainda, nem chegam à unidade interna.

Renúncia — Lula discutiu sua candidatura (na verdade, a renúncia a ela) duas vezes nos últimos 30 dias. Primeiro, em encontro com cerca de 30 deputados de sua tendência petista, a Articulação, ou próximos a ela, como o deputado paulista José Genoíno (da Democracia Radical) e o governador de Brasília, Cristóvam Buarque (independente). Depois, em reunião com amigos em São Paulo — nenhum político — às vésperas de viajar para a Itália.

Nos dois encontros, Lula ouviu mais gente estimulando-o a desistir do que a continuar. Entre os que preferem a desistência, está Genoíno, autor de um raciocínio que Lula repetiu na conversa com os amigos: "Ninguém pode ser obrigado a disputar eleições, certo da derrota, como um sacrifício em prol da causa, do partido." Genoíno defendeu e Lula encampou: "Isso

valia no tempo em que fazíamos guerrilha contra a ditadura, mas não na democracia."

Lula rejeitou, também, proposta feita com insistência nos dois encontros: a de ser candidato a deputado por São Paulo, de forma a reforçar a bancada petista e liderar a oposição a partir da Câmara.

Mesmo que os recentes sucessos da centro-esquerda

na Europa o entusiasmem, Lula está decepcionado com os aliados no Brasil. No retorno terá ainda mais decepções. As conversas entre o PSB e o PPS avançaram para o lançamento da candidatura de Ciro Gomes e a aliança do PT com o PDT no Rio parece fracassada. Não é nada do que ele queria.

O maior problema de Lula, hoje, é dizer isso ao PT, que o vê como o candidato de todos os petistas. Depois de uma semana cumprindo



Lula: defesa de nome que garanta mais do que os "25%" do partido

uma agenda de encontros políticos e sindicais em Bolonha e Roma, na volta Lula encontra a temperatura elevada no PT.

Prejuízos — A indefinição está atrapalhando as negociações para a aliança das oposições, em especial com o PDT. O clima chegou a tal ponto que, na segunda-feira, a executiva vai pressioná-lo a apressar a decisão. Ontem, uma entrevista do petista, publicada pelo jornal italiano *Il Manifesto*, levou à interpretação de que ele já desistiu.

Após ler o texto na Internet, alguns petistas concluíram que Lula não mostra ânimo para a disputa em 1998. Na entrevista, Lula afirma já ter dito aos dirigentes do PT que prefere que o partido escolha outro candidato. "É essencial trabalhar

a hipótese de uma aliança de esquerda e abrir um pouco para a centro-esquerda."

Mesmo sem ter lido a entrevista, um dos principais articuladores da candidatura Lula confirmou ontem: "A tendência é Lula desistir". Motivo: admite que o governador de Pernambuco, Miguel Arraes (PSB), veta seu nome e ele acha insuficiente uma frente só com o PDT. Ao *Il Manifesto*, Lula disse que a tarefa de montar uma alian-

ça de centro-esquerda não é fácil porque, no PT, prevalece a idéia de que ele é o candidato natural. "Creio ser necessário encontrar um candidato de consenso e um programa mínimo comum que garantam não os 25% dos votos que temos, mas os outros 25% que faltam para chegarmos aos 50%."

Ambigüidade — Em Brasília, o presidente nacional do PT, José Dirceu, garantiu depois de uma conversa telefônica com o colega petista: "Lula é candidatíssimo." A ambigüidade de Lula preocupa a cúpula do PT. De acordo com o secretário de Relações Internacionais, Marco Aurélio Garcia, cresce na legenda o sentimento de que a definição precisa ser rápida.

Na agenda das negociações está previsto um encontro de Dirceu com Arraes, amanhã, no Recife, e outro, no fim de semana, entre ele, Lula e Brizola. A candidatura única das oposições ainda volta à pauta na reunião da executiva do PT, segunda-feira. Na mesma noite Lula viaja para Berlim (Alemanha).

Enquanto aguarda, Dirceu anunciou ontem que o PT aceita uma aliança com o PMDB dissidente, desde que o candidato peemedebista seja o senador Roberto Requião (PMDB-PR). Ele adiantou que os petistas não admitem apoiar o senador José Sarney (PMDB-AP) nem o ex-presidente Itamar Franco (PMDB). A abertura do PT, concluiu, vale para os dissidentes do PMDB, para o PDT, mas não para o PPS e seu candidato a presidente, Ciro Gomes.



DIRCEU: PT
ALIA-SE A PMDB
SE CANDIDATO
FOR REQUIÃO